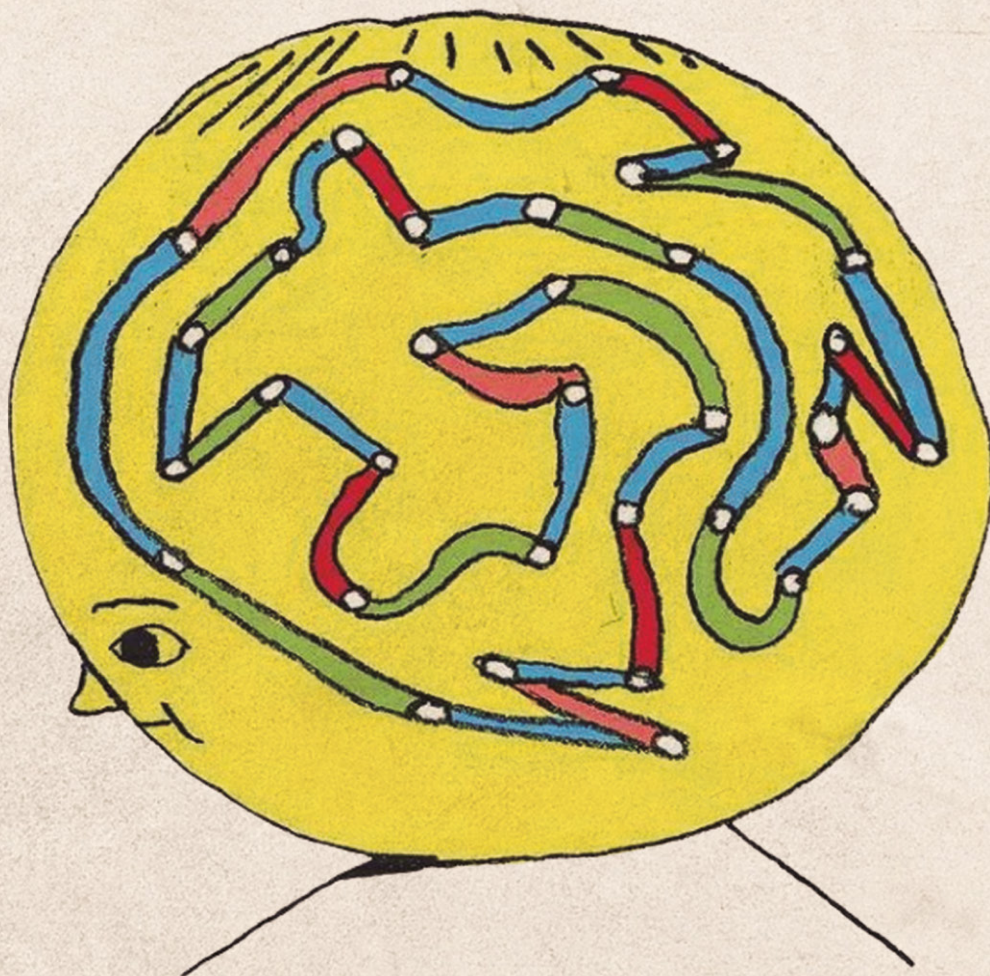


PEDRO CASSEL



Se eu fosse uma festa



Instituto
Estadual
do Livro

Coleção (Di)Verse

Governador do Estado do Rio Grande do Sul

Eduardo Leite

Secretário de Estado da Cultura

André Kryszczun

Diretor do Instituto Estadual do Livro

Silvio Bento

Instituto Estadual do Livro

Rua André Puente, 318 – Porto Alegre (RS)

CEP 90035-150

iel.rs.gov.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M333s Cassel, Pedro

Se eu fosse uma festa / Pedro Cassel. / [Recurso Eletrônico]

– Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 2026.

36 p.

Recurso online (e-book) : il.

ISBN: 978-65-89863-39-7.

1. Poesia brasileira - Rio Grande do Sul. 2. Poesia.
I. Título.

CDD - 869.1

Elaborada pela Bibliotecária: Mara Magda Soares CRB-10/2969

Se eu fosse uma festa

PEDRO CASSEL



PORTO ALEGRE, 2026

© 2026, Pedro Cassel

Direitos reservados desta edição: Instituto Estadual do Livro

Conselho Editorial/IEL: Luís Dill, Ruben Castiglioni, Vera Teixeira Aguiar

Edição/IEL: Estevão Cogoy

Diagramação/IEL: Fellipi Dalavia

Curadoria da Coleção Diverse: Nanni Rios

Projeto Gráfico: Gabriele Oliveira

Ilustração da Capa: Henrique Coser

Capa: Gabriele Oliveira

Editoração: Yasmim Amador

Revisão: Rejane Guerreiro

Literatura e ponto

A iniciativa da Secretaria de Estado da Cultura (Sedac), por meio do Instituto Estadual do Livro (IEL), lançou a proposta de publicar uma coleção de autores da comunidade LGBTQIA+. Surge num momento oportuno, que rende uma boa reflexão antes que você possa avançar nestas páginas e conhecer a produção poética (sim, poesia numa hora dessas, quem diria!) desses jovens escritores que eu tive o prazer de acompanhar ao longo de suas trajetórias e convidar para compor esta coleção. E, se estou aqui gastando a sua atenção com esta apresentação, é porque os versos que seguem representam muito mais do que a trajetória artística de Agnes Mariá, Natália Pagot e Pedro Cassel. Representam o contexto em que estão sendo publicados, de oportunidade e reconhecimento do valor simbólico e estético de uma produção literária mais livre e diversa por parte das instituições públicas, que deveriam zelar desde sempre para que cidadãos diferentes tenham direitos iguais. Mas a gente sabe que a história não foi sempre assim.

Dei toda essa volta para dividir com vocês uma constatação que ainda me causa assombro: em outros contextos, anteriores àquele em que se insere essa brilhante iniciativa da Sedac por meio do IEL, esses livros não seriam publicados e esses autores e autoras seriam silenciados e teriam sua dignidade questionada, não estariam mais aptos ao convívio em sociedade, perderiam seus postos de trabalho, talvez fossem expulsos de casa, excomungados da Igreja, apartados do direito

à educação e à saúde pela discriminação insuportável sofrida nesses ambientes, talvez apanhassem na rua ou até morressem sem ter expressado e vivido seu desejo e seus afetos livremente. E mais do que isso: não teriam emprestado suas subjetividades à literatura para elaborar os poemas que formam cada livro desta coleção. Isso sem falar em outros atravessamentos identitários (cor da pele, etnia, classe social, endereço, educação formal etc.) que justificam tacitamente ainda hoje – numa sociedade patriarcal e racista, que conserva seus vultos coloniais em formol – quem pode e quem não pode escrever, fazer arte, publicar um livro. É verdade que temos vivido, nos últimos anos, um período de emergência de outras narrativas: autorias negras, de mulheres, indígenas, quilombolas, periféricas e LGBTQIA+ viraram plaquinhas comuns de sinalização e catalogação em livrarias e bibliotecas.

O mesmo aconteceu nas curadorias de eventos literários, nos júris de prêmios e até nas listas de premiados. E isso é ótimo, sem sombra de dúvidas. Mas, enquanto o status quo literário insistir em desenhar no chão a linha da diferença que delimita até onde podemos avançar sem macular certos espaços, ainda haverá muito para ser feito por uma literatura mais diversa. É importante lembrar, à guisa de apresentação, que, enquanto essas caixinhas existirem, a literatura de autoria heterossexual, branca e cisgênera seguirá sendo a norma. E o status de dissidência nunca nos dará pleno gozo de visibilidade e direitos. Da mesma forma que essas marcas identitárias citadas – hetero, branca e cis – parecem estranhas, pois não são mencionadas, uma vez que não definem esteticamente a literatura produzida por tais autores e autoras, a nossa sexualidade ou identidade de gênero não define a estética da nossa produção literária: vocês

verão que Agnes Mariá, Natália Pagot e Pedro Cassel têm suas próprias dicções, baseadas em suas vivências diversas, referências plurais e oportunidades díspares.

Celebramos, sim, com muito orgulho, a existência de uma coleção que dá visibilidade à produção literária de autores e autoras LGBTQIA+ no portfólio do Instituto Estadual do Livro do Rio Grande do Sul, com a consciência de que isso é só o começo de uma mudança mais profunda, para que um dia nossos escritos sejam lidos como literatura e ponto.

Nanni Rios

Curadora da coleção DIVERSE

Primavera de 2022

SUMÁRIO

PEQUENO TRATADO SOBRE ISQUEIROS, **11**

ZEUS DO BRASIL, **12**

BARÃO DO TRIUNFO, **13**

A CIDADE QUE QUISEMOS, **15**

TREVISANER, **16**

WHATSAPP DAS COISAS, **17**

NOME DO FILME, **19**

AMOR, EU ACHO, **20**

IMAGENS DE PRAZER & DE ALEGRIA, **21**

CHEIRANDO CUECAS, **23**

PITO, RANGO E SARRO, **24**

HARUKA & MICHIRO, **25**

TROCAR BEBÊS, **26**

ROLA-BOSTA, **28**

ROSA OU SOFIA, **30**

ASMA PEDIÁTRICA, **32**

BICHAS VELHAS, **33**

MEMÓRIA, **34**

pequeno tratado sobre isqueiros

sonho que numa entrevista de emprego
me pedem que faça três textos
em temática livre: escrevo sobre
um assunto que não lembro
aí um pequeno tratado sobre isqueiros
depois outro sobre o fogo
penso a vaga é minha corre a caneta
articulo frases bonitas.

sonho que estou num incêndio
tentando acender um isqueiro
a samambaia em chamas parece um lustre
penso em encostar o cigarro nas folhas
esqueço porque estou com pena delas.

sonho que bebo o fluido de um isqueiro
e vou pedir ajuda aos bombeiros
eles dizem melhor você não
chegar perto do fogão por quatro
ou mais dias penso vou ter
muito gasto com buffet.

zeus do brasil

minha rua tem um bueiro
atrás da polícia civil
com o desenho de um raio
onde se lê “zeus do brasil”

na quadra entre o mercadinho
e aquele açougue que fede
o anúncio do suco petry
avisa que “a sede pede”

algumas quadras da borges
têm uma vibe estranha
jamais esqueço o letreiro
da loja chamada “montanha”

como se guardassem chamas
num curioso compêndio
quadrados vermelhos no prédio
avisam em preto: “incêndio”.

barão do triunfo

entrou nas nossas vidas pelo pátio
ficou miando ali no meio
até vir todo mundo e o davi
dizer num tom incontestável:
ele se chama régis

ficava mais tempo na rua
que com a gente
mais tempo comigo
que com os outros moradores
(eu me sentia escolhido)

se o afeto dos cães não tem rodeios
o dos gatos é uma dança
que eles conduzem
e a gente acompanha
morrendo de medo
de pisar nas patas deles

tinha fama na quadra
até mesmo outros nomes
como garfield e alemão

o pessoal do centro espírita
dizia ele é médium

nunca foi meu
nunca foi nosso
senhor senhora senhorio
lambendo a bunda
na calçada da barão.

a cidade que quisemos

não foi a que encontramos
estava enterrada debaixo dela
ou foi nisso que precisamos
acreditar pra não fazer
as malas outra vez

a cidade que quisemos estava
no apartamento que alugamos
mas somente quando chovia
e o que estava do lado de fora
não fazia diferença

praças, crianças e nabos
quase tudo o que faz parte
da cidade que quisemos
estava ali, mas articulado
de formas erradas

na tela do celular
imagens de outras cidades
nos davam ideias boas
articuladas, no entanto
de formas erradas também.

trevisaner

assaltaria um banco com você
fico inspirado para o crime
quando vejo nosso retrato
a soma dos nossos anos
equivale à juventude
a coragem é um gole fresco
que bebe dos seus cabelos
sou calvo e no seu crespo
quase cabe uma morada
não gosto de mulher pelada
mas te banharia no rio
que fortaleceu aquiles
sem esquecer do calcanhar
amazona tunada, clara
teu nome faz o dia
nessa folha despautada.

whatsapp das coisas

como é que seria o whatsapp das coisas
o onipresente whatsapp das coisas
onde pudessem fofocar
e dizer sem jeito
que sentem saudade

onde falassem mais que devem
as coisas que foram quebradas
fazendo graça do que não tem
e planejando vingança
ainda que no plano narrativo

muito se fala do tempo das coisas
um tempo que ninguém entende
porque só delas
quanto desse tempo estariam
dispostas a gastar
respondendo por educação
ou amor ou profissionalismo

um grande whatsapp invisível
permeando as coisas
que são feitas e usadas
e esquecidas e jogadas fora
por gente indiferente e cuidadosa
mas principalmente indiferente.

nome do filme

podia ser “pista de pouso” ou
“na calma da noite fingida”
quem sabe “sob o pé direito”
ou simplesmente “horizontal”

“depois do estampido algo se
acusa no coração do silêncio”
ou “quem diria que era sorvete
nesse pote de feijão”

“a favor da gravidade”
ou “meditação suja”
“perdidos no encontro”
ou “problemas bons”

sem trailer nem trilha
apenas o nome em neon
“apneia sem mar” ou
“agora que estamos aqui”.

amor, eu acho

não dá pra dizer que é amor
até perder algo que não
sabia ter ou encontrar algo
que não sabia procurar

mas aí tarde demais
já perdeu já encontrou
(o amor tem uma pira com
atrasos e adiantamentos)

quando criança eu sonhava
que andava no banco de trás
de um carro sem motorista
é uma ótima imagem
para o amor, eu acho

talvez você chegue antes
de eu terminar esse poema
tudo a ver com amor
por causa do adiantamento
e porque está vindo de carro.

imagens de prazer & de alegria

tudo o que fizemos por imagens
de prazer & de alegria
as horas investidas na promessa
de imagens nítidas
com cores adequadas

o que estava ao nosso alcance nós fizemos
por imagens de prazer & de alegria
curvados, em ângulos difíceis
ferrando os joelhos
em nome da composição

em nome da decoração
acumulamos o que sabíamos
num quadro de vinte por vinte
deixando de fora aquilo
que nos parecia estranho

imagens de prazer & de alegria
onde contraste não é
uma palavra perigosa

e um turista, num truque de ângulos,
esmaga com os dedos
a cabeça de outro.

cheirando cuecas

não as minhas, mas as de outros
como a do irmão skatista
do meu amigo ou a do geógrafo
de coxa grossa e piadas fracas
enquanto ele toma banho.
cheirando cuecas por saudade
precoce, amor atrasado,
vocação pro engano ou vício
no estado de vontade. por costume
de querer escondido, porque estou
vivo, porque tive oportunidade.

pito, rango e sarro

com nan goldin
e maria teresa

se eu fosse uma festa
seria uma dessas de
apartamento, onde
ninguém tem vergonha
de comer nem dançar
na frente dos outros.

terminaria cedo pra não
incomodar os vizinhos:
talvez até fosse uma festa
que é preparação para
outra festa, maior e mais
bem produzida, com mais
chances de beijar na boca.

mas em mim haveria
a fofoca, a macarena
e o amendoim japonês.
a memória da noite e a
saudades daquele tempo
seriam todos meus.

haruka & michiro

para as sailors
netuno e urano

se minha vida anda atada
à tua, se o mar é uma partitura
que executo no instrumento do teu
corpo, se a cem por hora
sou eu quem te acompanha
nesse carro pra onde quer que
seja, se o sol dos teus cabelos
quebra em onda no coral
dos meus, se um gigante gasoso
se acende cerúleo essa noite
sobre o pacífico, se uma pintura
só se me anuncia acabada
quando fecho os olhos e de novo
te vejo, se outra vez entre nós duas
um monstro se coloca, e rasgar-lhe
a jugular me parece tão fácil, se
trago no peito um espelho
que refrata a luz da lua, é
de tanto ser minha, haruka,
e principalmente tua.

trocar bebês

trocar bebês de lugar
porque não faz nenhuma diferença
porque se forem da mesma cor
ninguém vai reparar
porque estavam todos felizes demais
com a expansão da linhagem
pra reparar na ausência
de uma pinta na bochecha

já que em cem anos ou mais
estarão todos mortos
troco de lugar os bebês da enfermaria
para ajudá-los a driblar
os carmas da carne
para que sejam livres
de uma forma secreta
que nemeles entendem

talvez se cruzem na rua
ou estudem na mesma sala
os bebês que troquei de lugar

sem que nada de interessante
aconteça nesses encontros

troco os bebês como quem
toca o interfone e sai correndo:
a diversão está mais em pensar
no que aconteceu do que em ficar
pra ver as consequências

imagino o esforço dos pais
em se achar parecidos
com filhos que não são seus
e rio e acho esse esforço
uma coisa comovente.

rola-bosta

o rola-bosta é um besouro africano
que come as fezes de outros bichos
ele arrasta pela savana uma bola de cocô
que vai crescendo durante o trajeto
e eu poderia dizer nesse poema
“nós poetas somos parecidos
com eles por isso e aquilo”
mas hoje não vai acontecer

já usei livros de poemas como quem
hidrata pés muito secos na noite
ou pra buscar apoio quando meus amigos
estavam dormindo ou de saco cheio
já mantive livros de poemas na mesa
por semanas sem nem folhear
feito cristais ou suculentas de quem
espero energia coragem cara de pau

não tem a ver com embolar cocô
talvez juntar miçangas no chão do centro
pra fazer nossas próprias bijuterias

sequer esperamos que o tempo de apreciação
seja proporcional ao dedicado na escrita
pedimos apenas disposição simpatia
talvez se você reler esse poema
encontre algo pra levar pra casa.

rosa ou sofia

se você quer tanto uma felicidade
porque não pega uma dessas de rua
é quase a mesma coisa
que as recém-nascidas
mas já batizada e com traumas

uma felicidade com medo de pomba
e uma cicatriz nas costas
uma felicidade que pode ou não
ter conhecido o mar, mas que de pequena
não saberia lhe dizer

talvez ela não te ame do jeito
que amaria se não tivesse escolha
— o amor conformado dos filhos
que entendem que família
é um lance de dados —
o que talvez seja uma coisa boa

e você, que queria uma felicidade
chamada rosa ou sofia

talvez se console ao lembrar
que ao menos ela não vai
ser asmática como você.

asma pediátrica

virar noites em claro
inflando balões coloridos
contar segundos no fundo
do mar da piscina de plástico

chiar que nem rádio de pilha
chaleira portão ratazana
fugir de carpê biblioteca
esporte casaco de lã

passar o inverno em vigília
setembro a novembro entupido
sentir uma coisa gostosa
ao som da palavra bombinha

espichar caminho
pra não pegar lombá
dormir por último
na festa de pijama

pedir pra sair no meio
perder a segunda partida
sozinho na companhia
de um bom nebulizador.

bichas velhas

bichas velhas passando
creme no cotovelo
coleccionando vinis da maysa
e panelas de cerâmica
tudo de bom
que uma bicha velha
pode deve merece ter

quando ficar bem velhinho
quero ter um cachorro
de porte grande
vai chamar rômulo ou remo
porque toda bicha velha
tem uma fase classicista

vou ficar na janela
espiando os novinhos
entrando saindo da água
ou seja minha casa
vai ter vista pro mar.

memória

faço trinta e três anos no fim da semana
esse colchão está há onze comigo
ou seja um terço da minha vida
se dormimos metade do tempo
podemos dizer que passei
um sexto do meu tempo vivo
em cima desse colchão

rolei sozinho nesse colchão
também com namorados
e com homens sem nome
uma vez bêbado vi o quarto
girar em torno da gente
num universo pedrocêntrico
e sobretudo colchãocêntrico
foi um momento tão bonito
quanto confuso e triste

dizem que um colchão dura dez anos
dizem que as coisas inanimadas
também acumulam memória

e que o sonho é onde o desejo
aparece em sua forma verdadeira

meu parceiro sem vontade ou voz
silencioso e submisso
sob o peso do que espero do mundo
não demora eu parcelo
um outro em cinco vezes
e te mando pro beleléu.

